

**YVES LACOSTE EM ARGEL: AFINIDADES ELETIVAS E A DESCOBERTA DA OBRA DE IBN KHALDUN<sup>1</sup>****YVES LACOSTE IN ALGIERS: ELECTIVE AFFINITIES AND THE DISCOVERY OF IBN KHALDUN'S WORK**José Arnaldo dos Santos RIBEIRO JUNIOR<sup>2</sup>

**Resumo:** Analisa a trajetória do geógrafo Yves Lacoste até o momento da descoberta da obra do historiador magrebino Ibn Khaldun (1332-1406). Entendemos que as situações existenciais pelas quais Lacoste atravessou na Argélia marcaram profundamente a constituição de suas obras. Em razão disso, optamos por analisar uma parcela da trajetória lacosteana pelo prisma das afinidades eletivas (SOUSA NETO, 2021). Nesse sentido, a geografia histórica do capitalismo – especialmente aquela da descolonização francesa em África – imprime na trajetória geográfica de Yves Lacoste um cariz anticolonial. Tal anticolonialidade não se deveu apenas à formação territorial capitalista no Magrebe, mas também àquelas afinidades [de classe] eleitas subjetivamente pelo geógrafo em tela: J. Dresch (1905-1994), P. George (1909-2006) e Sadek Hadjeres – todos foram em algum momento membros do Partido Comunista, seja o francês ou o argelino. A princípio, um dos principais resultados que a pesquisa permitiu apontar é que a descoberta da obra khalduniana desvia a vocação geomorfológica de Lacoste para os problemas do Terceiro Mundo. Além disso, quando Khaldun esclarece a situação magrebina no século XIV ajuda o geógrafo na compreensão do dramático problema do século XX: o subdesenvolvimento.

**Palavras-chave:** Yves Lacoste; Ibn Khaldun; Magrebe.

**Abstract:** It analyses the trajectory of the geographer Yves Lacoste up to the moment of his discovery of the work of the Maghreb historian Ibn Khaldun (1332-1406). We understand that the existential situations through which Lacoste crossed deeply marked the constitution of his works. Because of this, we chose to analyze a part of Lacostean trajectory through the prism of elective affinities (SOUSA NETO, 2021). In this sense, the historical geography of capitalism – especially that of French decolonization in Africa – imprints in the geographical trajectory of Yves Lacoste an anti-colonial character. Such anti-coloniality was not only due to the capitalist territorial formation in the Maghreb, but also to those [class] affinities subjectively chosen by the geographer in question: J. Dresch (1905-1994), P. George (1909-2006) and Sadek Hadjeres – all were at some point members of the Communist Party, whether French or Algerian. At first, one of the main results that our research has allowed us to point out is that the discovery of the Khaldunian work diverts Lacoste's geomorphological vocation towards the problems of the Third World. Moreover, when Khaldun clarifies the Maghreb situation in the 14th century, it helps the geographer to understand the dramatic problem of the 20th century: underdevelopment.

**Keywords:** Yves Lacoste; Ibn Khaldun; Maghreb.

---

<sup>1</sup> As reflexões ora apresentadas fazem parte de uma pesquisa a nível de doutorado realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana (PPGH) da Universidade de São Paulo (USP). A tese intitula-se: **Descolonização, subdesenvolvimento e terceiro mundo: etapas de formação do pensamento geográfico de Yves Lacoste (1959-1985)**. Orientador: Professor Doutor Manoel Fernandes de Sousa Neto. O autor agradece à Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA) pela outorga da bolsa de Doutorado.

<sup>2</sup> Geógrafo e Professor de Geografia no Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) – Campus Avançado Porto Franco. E-mail: [jose.ribeirojunior@ifma.edu.br](mailto:jose.ribeirojunior@ifma.edu.br).

O geógrafo especialista em geopolítica Yves Lacoste é um professor aposentado de Geografia da Universidade Paris VIII. Lacoste é principalmente conhecido por dois aspectos: a publicação do livro *A geografia – isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra*, em 1976; e, no mesmo ano, a fundação da revista *Hérodote*.

Não obstante, questões relativas ao desenvolvimento e ao terceiro mundo também foram objeto de reflexão do autor tal qual demonstram os seguintes livros: (1) *Les Pays sous-développés*, de 1959; (2) *Géographie du sous-développement*, de 1965; (3) *Ibn Khaldoun – Naissance de l’Histoire/Passé du Tiers Monde*, de 1966; (4) *Unité et diversité du tiers monde*, de 1980; e (5) *Contre les anti-tiers-mondistes et contre certains tiers-mondistes*, de 1985.

Enquanto objeto de reflexão neste momento, propomo-nos analisar a trajetória de Yves Lacoste até o momento da descoberta da obra do historiador magrebino Ibn Khaldun (1332-1406). Em seguida, analisamos o artigo que o geógrafo publicou na revista *Progrès* – que apareceu dividido em dois números (LACOSTE 1953a; 1953b). Nossa hipótese é que a descoberta da obra khalduniana, em particular a *Muqaddimah* (1377), é um dos aspectos que farão Lacoste desviar seu foco intelectual para os problemas dos países do Terceiro Mundo em detrimento da geomorfologia.

Entendemos que as situações existenciais pelas quais Lacoste atravessou e foi atravessado na Argélia marcaram profundamente a constituição de suas obras. Em razão disso, optamos por analisar uma parcela da trajetória lacosteana pelo prisma das afinidades eletivas. Como explica Sousa Neto (2021, p.5): “Para nós, em termos de método, as *afinidades eletivas* estão em associar a história da geografia com uma geografia histórica do capitalismo”. Nesse sentido, a geografia histórica do capitalismo – especialmente aquela da descolonização francesa em África – imprime na trajetória geográfica de Yves Lacoste um cariz anticolonial. Tal anticolonialidade não se deveu apenas à formação territorial capitalista no Magrebe, mas também àquelas afinidades [de classe] eleitas subjetivamente pelo geógrafo em tela: J. Dresch (1905-1994), P. George (1909-2006) e Sadek Hadjeres – todos foram em algum momento membros do Partido Comunista, seja o francês ou o argelino.

A presente investigação toma como base as importantes entrevistas concedidas pelo geógrafo em tela (ZANOTELLI, 2005; LACOSTE, 2010); as contribuições analíticas e

históricas realizadas por Claude Bataillon (2006); e as próprias memórias de Yves Lacoste (2018). Veremos de que forma (1) os acontecimentos histórico-geográficos na *ordem mundial*<sup>3</sup> do pós-guerra, especialmente os conflitos no Marrocos (1953-1956) e Argélia (1954-1962); e (2) o aprendizado com os mestres geógrafos Dresch e George vão conferir um traço anticolonial à obra lacosteana e abrirá caminho ao autor para as futuras discussões relativas à geopolítica.

### Da infância colonial à opção pela Geografia

Filho de Georgette Petit e Jean Lacoste (1901-1941), Yves Lacoste nasceu no hospital militar de Fez, Marrocos, em 07 de setembro de 1929. Em 1934, a família Lacoste se muda para Rabat. Dois anos depois, 1936, ele assiste junto com seu pai um movimento dos *officiers des Affaires indigènes*. Jean explica que havia ocorrido uma agitação na *médina*<sup>4</sup> e eles foram chamados para acalmar os ânimos belicosos da população. Mais dissuasão que repressão, esse episódio foi, aos olhos de Yves Lacoste, um espetáculo extraordinário e uma revelação surpreendente das relações colonizador/colonizado instigada por Louis Hubert Gonzalve Lyautey (1854-1934).

Em Rabat, Lacoste estudou no *lycée Gouraud*. Provavelmente, não era um bom aluno vez que se encontravam muitos zeros nos *cahiers de correspondence*<sup>5</sup>. Na primavera de 1939 a família do geógrafo se muda para Paris. Instalam-se em *Bourg-la-Reine, Île-de-France*, na avenida do *lycée Lakanal*. As viagens com a família, especialmente ao lado do pai, o marcam. Ele diz se lembrar do *Mont-Blanc* e as encostas do *aiguille de Warens* – em *Passy*. Filho de viajante, bem pago e geólogo, Lacoste se interessa pela idade e as fácies das rochas que aparecem nas escarpas e sobre as formas de erosão glacial.

Jean tem o prazer de transmitir sua paixão pela geologia e o que mais tarde se chamará geomorfologia. Mas não é só a paixão pela geologia que o pai transmite ao filho. Através do rádio, percebe-se o agravamento da situação na Europa. Jean explica a situação de Gdansk, cidade do mar Báltico, que foi devolvida pela Alemanha em 1918. Eles conversam também

<sup>3</sup> “Ordem mundial descreve o conceito sustentado por uma região ou civilização a respeito da natureza dos arranjos considerados justos e da distribuição de poder considerada aplicável ao mundo inteiro” (KISSINGER, 2015, p.17)

<sup>4</sup> De acordo com Beatriz Bissio (2012, p.318), significa cidade, “núcleo do poder político”.

<sup>5</sup> Pelo que é possível depreender, trata-se de uma espécie de boletim de notas escolares.

sobre a Guerra Civil Espanhola e os refugiados que chegam ao sul da França. A Segunda Guerra Mundial se avizinha<sup>6</sup>, a crise diplomática se agrava bruscamente.

Então França e Reino Unido declaram guerra à Alemanha em 03 de setembro de 1939. Na escola começam a ser distribuídas máscaras de gás e, além disso, é cavado um grande abrigo onde são reunidos para “fazer os ensaios”. Em 17 de setembro, a URSS invade a Polônia e, posteriormente, trava a Guerra contra a Finlândia (30 de novembro de 1939 a 13 de março de 1940). Pai e filho acompanham os acontecimentos cotidianos em um mapa da Europa. Os alemães invadem a Noruega em abril de 1940 ocupando todo o território norueguês, nas semanas seguintes. Mesmo com a ajuda das forças do Reino Unido e da França, a Alemanha Nazista rapidamente venceu as forças armadas da Noruega.

No centro de *Bourg-la-Reine* começam a aparecer cartazes representando o mapa-múndi com, em rosa, as colônias do Reino Unido e da França. Jean não foi convocado para a guerra em virtude de sua doença. Lacoste passa no exame de admissão e se prepara para integrar o *lycée Lakanal*. Para sua tristeza, o pai morrerá de tuberculose em 1941.

Yves Lacoste não era um bom aluno no *lycée Lakanal* e esse desempenho escolar o levará à um encontro curioso e importante. Certo dia, no final da primavera de 1942, aparece no apartamento de *Bourg-La-Reine* um senhor de calções e sandálias espartanas que oferece alho-poró e se retira. Esse cavalheiro era Pierre George (1909-2006), professor de história e geografia no *lycée Lakanal*, cultivador de um pequeno jardim no beco principal que leva ao *parc de Sceaux*. A esposa de George era professora de Hervé e Alain – irmãos de Lacoste – no *cours Florian*. Ao saber da morte de Jean, madame George pediu ao marido levar a verdura para os Lacoste.

Pierre George pergunta sobre os resultados escolares. São medíocres. Questiona então se Yves Lacoste gosta de escrever e sugere um ensaio sobre um tema que lhe agradasse. Este responde dizendo: Marrocos. Oito dias depois leva o dever de casa para Pierre George e este diz para ele voltar na próxima semana para aprender a fazer um plano. Depois do episódio do alho-poró, Lacoste foi à casa de Pierre George todas as semanas durante vários meses. George o ensinou a apresentar um tópico, fazer um esboço, priorizar questões para separá-las em três partes, escrever uma transição e uma conclusão. Método que mais tarde Lacoste ensinaria aos alunos que voltaram para casa para “fazer planos”. Pierre George presenteou Lacoste com um livro que havia acabado de publicar (1942): *À la découverte du pays de France, la nature et les*

---

<sup>6</sup> Isso se levamos em consideração um referencial eurocêntrico já consolidado. Na Ásia, o Japão Imperial já havia invadido a Manchúria em 1931 e a China em 1937.

*travaux des hommes*. A dedicatória: “À Yves Lacoste, com a esperança de que este pequeno livro lhe dê o gosto dos cursos sobre o campo e o encoraje a prosseguir a obra ligada ao nome que carrega”<sup>7</sup>.

Após a Segunda Guerra Mundial, Lacoste (2010) conta que – por influência de seus camaradas de *lycée* – ele adere à *l’Union de la jeunesse républicaine de France*<sup>8</sup> (UJRF), próxima ao PCF, mas independente deste. Esse será o primeiro passo institucional para a aproximação com o Partido Comunista Francês. Em 1945, de férias em *Contrexéville*, ele observa junto com seu amigo Roland Melateau, como se traduz na paisagem a linha de divisão das águas entre a bacia do Reno e a bacia do Ródano em direção ao Mediterrâneo. Isso tudo com uma carta geológica nas mãos. É uma manifestação do gosto pela geologia, herança paterna.

O gosto pela geologia é acompanhado pelo interesse na guerra. Esse interesse tem ainda uma dimensão lúdica. Desde os 10 anos de idade, vindo do Marrocos para a França (1939), Lacoste costumava brincar com soldados de chumbo – junto com seus irmãos. As brincadeiras, que simulavam guerras, poderiam durar semanas. Desenhavam *mapas* imaginários que representavam *zonas costeiras* e *grandes rios continentais*, e brincavam de conquistá-los. Os dados decidiam as ações: construir uma estrada, uma cidade, traçar um trecho fronteiro, conquistar um território. Lacoste chama essa brincadeira de *joué au pays*.

O momento histórico e o momento lúdico se combinam no interesse de Lacoste pela geografia. Porém, isso não exclui o interesse pela geologia. Ele ganha de presente da avó a obra *Géologie et Paléontologie*, de Léon Bertin. Também relê os livros que o pai havia comprado anteriormente: *Le Livre de la jungle*, do britânico Rudyard Kipling (1865-1936); e *L’Île mystérieuse*, de Jules Verne – cuja primeira página da edição que ele tem é um *mapa*. Os estudos estão em segundo plano. Roland Merlateu, seu amigo, é quem lhe passa os deveres de matemática para que possam continuar brincando com os soldados de chumbo.

Apesar da negligência com matemática, física e química, Lacoste não foi punido. Talvez por ajudar a mãe em casa com as atividades domésticas, especialmente no auxílio dos irmãos mais novos. Em contrapartida, o interesse pela filosofia cresceu e ele passou num bacharelado, desistindo daquele de “matemática elementar”. Com o bacharelado obtido, dirige-se à Sorbonne para se informar sobre as modalidades do curso de geologia. É informado que primeiro deveria

<sup>7</sup> À Yves Lacoste, avec l’espoir que ce petit livre lui donnera le goût des courses sur le terrain et l’encouragera à poursuivre l’œuvre attachée au nom qu’il porte (LACOSTE, 2018, p.32-33)

<sup>8</sup> Desde 1956 atende pelo nome de *Mouvement jeunes communistes de France* (MJCF).

obter o bacharelado SPCN (*sciences physiques chimiques et naturelles*), cuja base é um bom nível em matemática.

Dirige-se ao *Musée d'histoire naturelle* onde costumava ir coletar fósseis e amostras de rochas do laboratório de geologia. Contacta o professor Orcel<sup>9</sup>, amigo de seu pai. O professor explica que não se praticava mais geologia como antes da Segunda Guerra Mundial, ou seja, percorrendo o campo. A nova forma de praticar a geologia era por intermédio da geodésia, logo, com métodos matemáticos. E tal matematização – que não o agrada e não o atrai, claro está – terá implicações para a sua futura escolha profissional.

Vai se aconselhar então com duas pessoas. A primeira delas é Pierre George. Curiosamente, ciente do histórico de Lacoste – àquela altura com 16 anos – George aconselha-o a fazer *Sciences Po*. Lacoste declina porque não quer retornar ao *lycée* fazer aulas preparatórias e tampouco deseja se tornar “subprefeito”. A segunda pessoa com quem se aconselha é Jean Dresch. Prieto e Verdi (2017) narram que Dresch estudou na *École Normale Supérieure* (1926-1930) e suas primeiras pesquisas versavam sobre Geologia e Geografia Física, sob a orientação do geógrafo Emmanuel de Martonne (1873-1955). Em 1928, começa a pesquisar a geomorfologia da cordilheira dos Pirineus. Foi comunicado pelo geógrafo Albert Demangeon (1872-1940) acerca da existência de uma bolsa de pesquisa no Marrocos. Dresch começa então uma pesquisa sobre a geomorfologia do “maciço de Moulay Idriss e as formas tradicionais de ocupação do solo na região” (PRIETO; VERDI, 2017, p.135). Consegue a *agrégation* em história-geografia no ano de 1930 e, em 1931, se instala e passa a lecionar no *lycée* muçulmano de Rabat (GINSBURGUER, 2017). Passa a ter contato com as contradições da colonização francesa. Entre 1931 e 1936, militou no Partido Socialista Marroquino e, desde 1936, é um dos fundadores do Partido Comunista do Marrocos. No periódico desse partido, o *L'Espoir*, critica a colonização francesa. Em virtude do seu posicionamento político foi perseguido quando a França foi ocupada pelo Terceiro Reich. No ano de 1941, retorna à França, depois de ser convocado, e defende uma tese sobre geomorfologia intitulada *Recherches sur l'évolution du relief dans le Massif Central du Grand Atlas, le Haouz et le Sous* e “uma tese secundária denominada *Documents sur les genres de vie de montagne dans le massif central du Grand Atlas*, que teve como tema a evolução do relevo do maciço central do Alto Atlas” (PRIETO; VERDI, 2017, p.135). Encarrega-se do curso de Geografia da África do Norte e, mesmo perseguido politicamente, foi membro ativo da Resistência e crítico da colonização –

---

<sup>9</sup> Trata-se, presumivelmente, do mineralogista francês Jean François Orcel (1896-1978).

inclusive sendo membro do PCF. Entre 1942 e 1945, Dresch foi professor na Universidade de Caen (PRIETO; VERDI, 2017).

Lacoste não conta como conheceu Dresch, apenas menciona que este o conhecia desde a infância no Marrocos. E Dresch vai se mostrar decisivo. A princípio porque os primeiros passos dele enquanto geomorfólogo e geólogo no Marrocos foram ajudados pelo pai de Lacoste. Dresch explica que, em geomorfologia, a geologia é considerada seja num estudo de superfície, seja em uma profundidade reduzida. Ademais, desde o governo de Vichy existe uma *agrégation*<sup>10</sup> de geografia, no qual a parcela de geografia física é importante e parte significativa da história permanece. Estamos em 1946 e Lacoste toma a decisão de se inscrever em geografia, embora a imagem chata que ele tinha dela no *lycée*.

### **Do Instituto de Geografia à adesão ao PCF**

Em outubro de 1946, Yves Lacoste passa a ter aulas no Instituto de Geografia. Lá ele conhecerá Camille Dujardin (1929-2016), sua futura companheira, que também morou no Marrocos. No Instituto, Lacoste foi aluno de Maximilian Joseph Sorer (1880-1962), conhecido como Max Sorre, e de Jean Tricart (1920-2003) – à época assistente de André Cholley (1886-1968). Lacoste torna-se amigo do também geógrafo Bernard Kayser (1926-2001). Kayser foi membro da resistência francesa em 1944, e no verão desse mesmo ano foi convocado para o exército para a campanha alemã durante o outono. Uma pneumonia o levou para a Alsácia e um futuro retorno à Paris no final de 1945, onde foi desmobilizado. Antes de fazer geografia, Kayser desejou ser agrônomo (BATAILLON, 2006). A opção pela geografia advém dos conselhos de outro geógrafo e membro da resistência francesa: André Prenant (1926-2010).

André era filho de Marcel Prenant – zoólogo, parasitólogo e militante do Partido Comunista Francês – e Lucy Prenant, uma filósofa que dirigirá, após a guerra, a *Ecole Normale Supérieure de Jeunes Filles*. Entre 1942-1943, foi aluno do *lycée* Henri IV onde se junta aos comunistas. Na primavera de 1943, durante uma atividade ligada à resistência, foi preso, espancado e ameaçado, sendo libertado após uma semana. De julho a outubro foi *Francs-Tireurs et Partisans* (FTP) na *Haute-Saône*, sendo transferido posteriormente para Paris. As atividades de resistência dos pais o fazem ficar escondido, por precaução, no outono no quarto

---

<sup>10</sup> Concurso que possibilita o exercício da docência no ensino público secundário francês, nos *Lycées*.

de empregada com Pierre Bataillon, um colega de classe. Desenha mapas para futuras operações aliadas e volta a ser *maquis*<sup>11</sup> nas matas de *Achère-la-Forêt*, perto de *Fontainebleau*. Para encerrar com chave de ouro, participa na libertação de Paris e depois na campanha da Alemanha, incorporado ao exército, até junho de 1945 (BATAILLON, 2006).

Lacoste (2010) conta que foi sob a influência de camaradas mais velhos, antigos *maquis* ou membros da Resistência, a concordância dele e Camille de se juntarem à célula<sup>12</sup> dos estudantes de geografia do PCF. Provavelmente, foi Bernard Kayser o principal incentivador<sup>13</sup>. No PCF, Lacoste e a célula de geografia foram acusados por Annie Besse<sup>14</sup> (1926-1995) – futura anticomunista e colunista do jornal conservador *Le Figaro* sob o nome Annie Kriegel – de manobras fracionistas, o que era interdito sob a pena de exclusão. Kriegel havia proibido a leitura do jornal de centro-esquerda *Le Monde* e de “trocar aulas com outros alunos comunistas, os da Ciência Política”<sup>15</sup>. Numa das reuniões da célula de geografia, um dos estudantes diz que no próximo ano Lacoste seria secretário da célula e Camille a tesoureira. Mas, confessa, três anos antes ele sequer sabia o que era direita e esquerda. Por outro lado, a família de Camille era tradicionalmente de esquerda.

O contexto de operações, batalhas e guerras despertaram o interesse por questões militares em Lacoste. Mas ele não prestou serviços militares porque, quando deveria, os filhos mais velhos de viúvas estavam dispensados. De fato, o geógrafo em tela tem um interesse profundo pelas questões militares – não pela vida de caserna – as relações profundas existentes entre o exército, a nação, o território, a defesa ou a conquista, e pela estratégia e tática – termos fundamentalmente geopolíticos. Ele não é um antimilitarista (LACOSTE, 2010). As raízes de seu interesse por questões militares estão na infância no Marrocos:

[...] o Marrocos era, também, quando eu era pequeno, a gente o via muito bem, meu pai me contou, me apresentou, uma forma de realização do espaço onde

<sup>11</sup> Em biogeografia, *maquis* é uma “associação vegetal arbustiva densa que cobre os terrenos siliciosos em meio mediterrâneo, geralmente apresenta-se como uma formação secundária” (GEORGE, 1984 [1970], p.282). No contexto da Segunda Grande Guerra, *maquis* passou a significar também os membros da Resistência Francesa contra a ocupação nazista e o regime colaboracionista de Pétain.

<sup>12</sup> No sentido de agrupamento de pessoas que compartilham, politicamente, ações e ideais comuns.

<sup>13</sup> Não é possível afirmar categoricamente, mas nas memórias de Lacoste (2018), depois de mencionar a amizade com Kayser, ele diz que aderiu com Camille ao PCF. Sem embargo, também foram membros da Resistência ou *maquis* na mesma geração de Kayser os geógrafos Raymond Dugrand (1925-2017), Raymond Guglielmo (1923-2011) e André Prenant (BATAILLON, 2006).

<sup>14</sup> Nascida Annie Becker, fora membro da resistência aos dezesseis anos. Em 1945, ingressou na *École normale supérieure* e integra as fileiras do Partido Comunista. Torna-se *agrégée* em história em 1948. A mudança do sobrenome se explica porque ela teve dois cônjuges: o filósofo Guy Besse (1919-2004) e o reumatologista Arthur Kriegel (1926-2011). Ambos haviam sido membros da resistência e militantes comunistas. Annie foi casada com Besse de 1947 a 1954; e com Kriegel desde 1955 até sua morte em 1995.

<sup>15</sup> [...] d'échanger des cours avec d'autres étudiants communistes, ceux de Sciences Po (LACOSTE, 2010, p.167).

a decisão de um pequeno número de homens, de militares, podia ter consequências consideráveis. Minhas primeiras lembranças de criança são lembranças militares. E penso que, se não estivéssemos no fim dos impérios [...] provavelmente eu teria sido um militar (ZANOTELLI, 2005, p.63).

Somente em 1948, três anos depois da Segunda Guerra Mundial e dois anos depois de adentrar ao *Institut de géographie*, Lacoste vai se filiar ao PCF. Kayser conta que ele e Lacoste se encontravam “em um grupo formado pela nossa filiação política. Todo nosso pequeno grupo era membro do Partido Comunista. Naquela época, quando chegávamos à Sorbonne, se éramos progressistas, pelo menos em geografia, não podíamos ser outra coisa senão comunistas” (ZANOTELLI, 2005, p.41). É importante observar que esse “tornar-se comunista” decorreu mais de um forte sentimento patriótico que de uma adesão efetivamente real à perspectiva comunista.

Em 1948, Camille e Lacoste concluíram o bacharelado [*licence*] e passam a pensar nos dois temas de pesquisa para a obtenção do *diplôme d'études supérieures* (DES<sup>16</sup>). Vez que ambos compartilham experiências no Marrocos estão ansiosos para ir lá. Jean Dresch é indicado para o Instituto de Geografia na qualidade de professor de geografia colonial, substituindo Charles Robequain (1897-1963). As aulas de Dresch sobre o Marrocos entusiasma o casal: ele fala, sem anotações, em frente a um mapa na parede [*carte murale*] percorrendo o palco e cativando o auditório. Lacoste (2018, p.49) não esconde a admiração: “Ao longo de toda minha vida de professor, eu pensei nele, me esforçando, sem o mesmo talento, em imitá-lo<sup>17</sup>”.

Dresch analisou as consequências da modernização conduzidas em nome do *maghzen*<sup>18</sup> por Lyautey nas regiões do Marrocos, tendo em conta as rivalidades das tribos e a necessidade de algumas tribos das montanhas [*montagnardes*] descerem no inverno para pastar seus rebanhos nas planícies, por exemplo. É por isso que a imagem positiva – se é possível nos expressarmos dessa forma – que Lacoste tem de Lyautey advém não só do pai<sup>19</sup>, Jean, mas também de Dresch. Ele considera Lyautey um “grande colonizador” e não é absurdo pensar que Dresch julgasse da mesma forma. Lyautey fora o arquiteto de uma “modernização conservadora” que simultaneamente sustentava os sistemas tradicionais de poder no *maghzen*, subordinava o Marrocos ao jugo francês e modernizava o aparato estatal. Daí porque Lacoste

<sup>16</sup> Bataillon (2006) explica que se trata de um ancestral do mestrado e pré-requisito para a *agrégation*. Portanto, para prestar o concurso da *agrégation* era necessário, além da *licence*, o DES.

<sup>17</sup> “Tout au long de ma vie de professeur, j'ai pensé à lui, m'efforçant, sans le même talent, de l'imiter”

<sup>18</sup> *Bled Maghzen* é o território controlado pelo Estado e pelas tribos que ele utiliza para cobrar imposto sobre outras tribos (LACOSTE, 2010).

<sup>19</sup> Lacoste (2010) conta que seu pai o levou algumas vezes ao túmulo de Lyautey, em Rabat. Permaneceu sepultado em território marroquino de 1935 até 1961, quando foi trasladado para a França.

adjetive Dresch com uma locução que ele aplica a si mesmo: “colonial” anticolonialista. O que permite essa curiosa qualificação? Esta não caberia mais à Dresch (francês) que à Lacoste (marroquino)? Para responder a essa questão, recordemos que embora amasse o Marrocos – com suas paisagens e mesquitas – e fosse orgulhoso de ali ter vivido, Lacoste não fala árabe. Por isso, e por falar o francês, desde os 10 anos de idade quando a família se estabeleceu definitivamente em Paris, Lacoste já considerava a França sua pátria. Assim, ambos consideravam a colonização em seu caráter contraditório e uma *penosa etapa* que deveria ser ultrapassada (ZANOTELLI, 2005).

No que tange ao seu objeto de pesquisa, Lacoste imaginou um estudo geomorfológico. No planalto central marroquino que se estende a oeste do *Moyen Atlas*, uma cadeia de montanhas que se estende no sentido sudoeste-nordeste por 350 quilômetros. Objetivava estudar as superfícies de erosão da Meseta<sup>20</sup>. Dresch ajudou os dois a obter uma bolsa das autoridades do Protetorado em Rabat, inclusive dizendo que Lacoste e Camille eram noivos. Lacoste (2018) relata que encontrou em um dos cadernos que trocava com Camille, o rascunho de uma carta datada de outubro de 1949 e dirigida ao diretor do *Bureau de Recherches et Participations Minières* (BRPM)<sup>21</sup>. Ele agradecia à bolsa concedida a ambos para a realização de pesquisas no Marrocos para obter o *diplôme d'études supérieures* em geografia. A bolsa mostrava que o pai de Lacoste e Dresch ainda eram conhecidos no Marrocos.

### **Retorno ao Marrocos: o *début* das pesquisas para o DES, vocação magrebina e Lyautey redivivo**

Reparemos, de antemão, o reencontro duplo que Lacoste vai efetuar: com a geologia, através da interface geomorfológica; e com o Marrocos colonial. Se Lacoste não seguiu os passos do pai – tornar-se geólogo – porque essa disciplina se matematizava, ele a reencontra em uma forma superior realizando trabalho de campo – por oposição ao laboratório. O trabalho de campo geomorfológico no Marrocos é um traço da sua *vocation maghrébine* (BATAILLON, 2006).

<sup>20</sup> Conceito geomorfológico que abriga três dimensões: (1) Extensão de terreno alto e plano, rodeado por vales profundos; (2) Planície situada sobre outros vales com vertentes rígidas; e (3) Conjunto de terras altas, onde predominam as extensões planas: meseta tibetana (GEORGE, 2007 [1970], p.388).

<sup>21</sup> O pai de Lacoste foi geólogo-chefe dessa instituição. Conforme reportagem do *Le Monde diplomatique*, a criação do BRPM data de 15 de dezembro de 1928 – três anos, portanto, do fim da função de Lyautey enquanto *résident général*. O objetivo era constituir um organismo especializado dotado de meios para dar um forte impulso à investigação minerária e permitir ao Estado intervir neste campo, em paralelo ou em associação com a iniciativa privada. Cf: < <https://www.monde-diplomatique.fr/1962/06/A/24789>>. Acesso em: 11 de abril de 2021.

Se o BRPM financiou as pesquisas, foi a *Société chérifienne des pétroles*<sup>22</sup> (SCP) que o ajudou no trabalho de campo. Mas a SCP não tem interesse no Meseta marroquino – maciço antigo desprovido de petróleo. Eles propuseram que investigasse a planície do *Rharb* e as suas bordas – as mesmas que Jean, duas décadas antes, tinha começado a investigar. Ele se preparou lendo a tese<sup>23</sup> do geógrafo Henri Baulig (1877-1962). Mas Lacoste ainda estava embaraçado porque não tinha lido nada concernente a uma grande planície sobre a qual desembocaria o rio *Sebou*, que desce das montanhas vizinhas. Externaliza seu embaraço para os colegas da célula de geografia, entre os quais Dresch e George. Estes o colocam em contato com outro membro da célula: Raymond Dugrand (1925-2017). Dugrand fora membro da Resistência durante a Segunda Guerra Mundial e era um excelente geógrafo tanto em “humana” quanto em geomorfologia. Ele leva Lacoste ao Baixo Sena para mostrar três terraços fluviais clássicos cujo o mais recente, o mais baixo, marca a *transgressão marinha*<sup>24</sup> de Flandres.

No final de 1949, Camille e Lacoste partem para o Marrocos. São recebidos em Casablanca pelos *Chabas* – amigos dos pais dele. Camille alterna o alojamento: em Rabat, no internato da Escola Normal de Professores; em Casablanca, com os *Chabas*. Na capital marroquina, o geógrafo aloja-se na escola italiana no qual também estão quatro estudantes marroquinos. Ele explica aos colegas que é um estudante de geografia e está fazendo uma pesquisa sobre a planície do *Rharb*. Diz ainda compreender a demanda pela independência e reconhecer a importância dos soldados marroquinos que batalharam pela libertação da França.

Os primeiros passos em campo são na grande floresta de *Mamora* – onde o pai o levava antes. Ele é conduzido por um carro da SCP com um técnico e uma broca. A SCP designou um Jeep, um motorista – Sr. Turpin – e o abastecimento de combustível. Constata que as areias avermelhadas da *Mamora* vêm da erosão do Meseta, ao sul. Mas isso não é um grande achado – diz Lacoste. Ele escreve para Dresch para exprimir a consternação [*désarroi*]. Dresch responde dizendo para ele fazer observações e coletar amostras.

---

<sup>22</sup> Jean Lacoste também foi geólogo-chefe. Conforme reportagem do Jornal *Le Monde*, a *Société chérifienne des pétroles* (SCP), com sede em Rabat, foi constituída sob a forma de sociedade anônima marroquina em abril de 1929 na sequência de um acordo entre uma empresa privada e o Gabinete de Investigação e de participações minerárias, estabelecimento público do Estado marroquino que acabava de ser criado para promover e apoiar a investigação minerária em Marrocos. Cf: <[https://www.lemonde.fr/archives/article/1962/11/30/la-societe-cherifienne-des-petroles-couvre-une-notable-partie-des-besoins-du-maroc\\_2360262\\_1819218.html](https://www.lemonde.fr/archives/article/1962/11/30/la-societe-cherifienne-des-petroles-couvre-une-notable-partie-des-besoins-du-maroc_2360262_1819218.html)>. Acesso em: 11 de abril de 2021.

<sup>23</sup> *Le plateau central et sa bordure méditerranéenne : étude morphologique*.

<sup>24</sup> George (2007 [1970], p.583) explica que esse conceito tem dois significados. Em *geologia*, traduz um arranjo particular das camadas depositadas durante a fase da transgressão, a mais recente sobre a mais antiga. Quando ocorre o oposto temos a *regressão*: as camadas mais recentes se depositam em retrocesso em relação às mais antigas; em *oceanografia e sedimentologia*, trata-se do deslocamento positivo do nível do mar (submersão) resultando num avanço da linha de costa no continente.

Desloca-se ao sopé das *rides*, cristas (DUARTE; SADKI, 2021), pré-Rife, ao sul da planície do *Rharb*, para um antigo sítio de perfuração de petróleo, na saída do rio *Behr*, a jusante da barragem de El-Kansera. Ele passa alguns dias no lugar. Durante o dia, caminha sobre os *glacis de erosão*<sup>25</sup>, resultado da erosão laminar que pode aplanar relevos escarpados sem esperar que envelheçam. É a nova tese, em ruptura com o modelo de erosão normal que ainda alguns anos antes era ensinado.

Lacoste ficou alojado num hotel reservado aos engenheiros da SCP na cidade de *Petitjean* – chamada *Sidi Kacem*, durante o período colonial francês. Graças ao *chauffeur* Turpin, ele faz várias viagens de ida e volta ao longo de cinquenta quilômetros para observar os diferentes aspectos das *rides* pré-Rife. Ele constata que essas cristas apresentam a seus pés vários *glacis de erosão* superpostos. Essas cristas, portanto, foram se levantando à medida que a planície progressivamente diminuía. Eis uma descoberta que Lacoste passa a explicar – ver, na verdade, na paisagem. Depois de examinar as encostas de baixo, ele examina o topo das cristas calcárias: são quase retilíneos exceto o da montanha de *Outita*, o mais alto, onde se distingue a leste do vale de *oued R'dom*, uma espécie de entalhe. Esse entalhe é um corredor onde existem muito seixos. Conclui que o *Outita* foi levantado, o que forçou o rio *oued R'dom* a mudar de curso e cavar mais a oeste. Lacoste está orgulhoso do trabalho. Turpin e ele sobem para o norte, ao longo da planície do *Rharb*. No horizonte, a majestosa cadeia do Rife, cuja fachada sul Jean Lacoste havia percorrido vinte anos antes (em 1929).

Ao retornar para *Mamora*, Lacoste faz outra descoberta. Com os mapas de 1/50.000 fornecidos pela SCP, observa que os contatos ao norte com a planície mais ou menos inundada se fazem por uma série de colinas baixas paralelas, separadas por vales orientados no sentido sudoeste/nordeste, como o grande cordão litoral. Questiona aos geólogos da SCP: essas colinas arenosas que se estendem pelo *Mamora* ao norte, não são os antigos cordões litorâneos que se sucederam de leste a oeste, à medida que a planície do *Rharb* afunda sob a massa dos materiais arrancados da cadeia do Rife pelo rio *Sebou* e seus afluentes? Os geólogos responderam que nas perfurações que faziam encontraram areias do *Mamora* sob a parte oeste da planície, ainda mais perto da superfície, obrigando o rio *Sebou* a cavar o seu vale. Enquanto o rio corre em seu nível aluvial acima do nível da planície, ainda pouco povoada, a água dos afluentes forma grandes pântanos, os *merjas*. O rio *Sebou* descreve grandes meandros e derrama-se na planície

---

<sup>25</sup> Dresch empregava esse termo quando se tratava de “superfícies desenvolvidas nas camadas mais friáveis das áreas periféricas às elevações” (BIGARELLA; MOUSINHO; SILVA, 2016, p.169).

durante as cheias, abrindo suas margens côncavas, mantendo ao abrigo as ruínas da antiga cidade romana de Banasa, situada na margem convexa de um meandro (LACOSTE, 2018).

Lacoste constata que na planície do *Rharb*, até 1949, não havia sido feito qualquer construção de diques ou canais. Isso só começará após a independência do Marrocos. Ele lembra que nas planícies da Andaluzia os árabes desde a Idade Média levaram a cabo esse tipo de realização hidráulica. Por que não no Magrebe, haja vista a possibilidade de se aproveitar as planícies inundáveis? Lacoste pensa que foram as tribos que se opuseram a esse tipo de obras. Ele não diz que tribos eram essas. Mas podemos deduzir que se tratam dos berberes do *bled siba*<sup>26</sup>.

Depois da pesquisa de campo, e antes de retornar à Paris, um último episódio faz Lacoste compreender melhor o papel do pai no Marrocos. Junto com Turpin – o motorista – e Camille, fazem um tour pelo lado oriental do Marrocos. No fim do dia, eles chegam à *Midelt* – distante cerca 330 km de Rabat, assim como de *Mamora*. Como os hotéis são imundos, Lacoste vai ao posto militar e demanda falar ao comandante. Um oficial dos *Affaires indigènes* recebe Camille e ele. Explica ao oficial que são dois geógrafos ajudados pela SCP: ela pesquisa em Casablanca e ele a planície do *Rharb*. O oficial oferece imediatamente hospitalidade e explica a posição estratégica de *Midelt*: monitorar as grandes tribos que descem, quando do inverno, com seus rebanhos da cadeia de montanhas de *Ayachi*, prolongamento oriental das montanhas do *Grand Atlas*.

Para Lacoste, o oficial se mostrou bastante sensível à menção feita à SCP – daí a hospitalidade decorrente. Não só isso: o oficial, tal qual o pai, parecia fiel ao espírito de Lyautey. O que isso significa? Restabelecer os poderes do *maghzen* apoiando-se em forças marroquinas e empresas internacionais, especialmente francesas. Vigiar as margens do *maghzen* onde as tribos são reputadas pela sua característica rebelde. Mas não tocar nas terras dessas mesmas tribos. Essa prática e representação de Lyautey calaram fundo em Dresch e no próprio Lacoste. Foi lendo Dresch que ele compreendeu o papel medular de Lyautey.

Além disso, a acolhida inesperada que recebeu em *Midelt* o fez lembrar daquela que a família Lacoste desfrutara anos antes. Bem recebido pelos colonialistas no Marrocos – o que será diferente quando da Argélia – Lacoste pensa que os franceses do Marrocos que exerciam funções políticas e intelectuais não se atormentavam com a ideia de que seus postos logo seriam

---

<sup>26</sup> *Bled Siba* é o território não controlado pelo Estado, o território da dissidência, onde as tribos se recusam a pagar imposto (LACOSTE, 2010)

ocupados por marroquinos. Isso compactua com o espírito e a estratégia de Lyautey de modernizar o *maghzen*.

Se Camille está dando os toques finais aos seus mapas, Lacoste queria ter dado uma forma cartográfica mais precisa às reflexões-observações sobre o *Rharb* e suas bordas. Mas o resultado é ruim e ele pensa ter desapontado o mestre Dresch. Eles retornam à Paris na primavera de 1950, para *Bourg-la-Reine* e *Neuilly* – onde Camille acha cada vez mais difícil viver com a mãe. Decidem então se casar. Na prefeitura [*mairie*] de *Bourg-la-Reine* contraem matrimônio em 30 de novembro de 1950. Dresch e George foram as testemunhas. Se instalam no apartamento de *Bourg-la-Reine* onde a sogra de Camille e os irmãos de Lacoste os acolhem. Para se sustentarem, começam a dar aulas. Algumas horas por semana ele é professor no *lycée Lakanal* – onde ele havia estudado. O ano é 1951. Ele consegue o *Diplôme d'études supérieures* (DES) com uma dissertação sobre a geomorfologia do *Rharb*. Agora é hora de enfrentar a *agrégation*.

### **A *agrégation* de Geografia, a nomeação ao *lycée Marcellin-Berthelot* e o primeiro esboço da *démarche***

Para a *agrégation* é recomendado trabalhar em equipe e a dos geógrafos comunistas é bastante eficaz. A cada ano, aqueles que passaram no concurso passam seus *dossiers* de notas àqueles que vão formar a equipe seguinte. Lacoste entra em contato com Raymond Guglielmo que já tinha falhado duas vezes e herdado os arquivos das equipes anteriores. Além de Guglielmo, há Louis Rieucou, Gérard Prost e Sylvain Laboureur. Rieucou e Guglielmo são membros do Partido Comunista. Camille prefere seguir o curso de etnologia no *Musée de l'Homme*.

No *Institut de géographie*, uma sala é reservada uma tarde por semana para a reunião da equipe. Os conhecimentos geológicos outorgam respeito à Lacoste. Consequentemente, a ele é dado o papel de líder para a preparação da prova oral: a explicação do mapa – a mais temida. A prova trata do seguinte: num mapa, à escala de 1:50.000, descrever, comentar a distribuição espacial dos diversos fenômenos; estabelecer correlações entre configuração geológica ou relevo e a extensão dos fenômenos humanos, bem como sua evolução na história recente. Todo fenômeno ao qual faz-se alusão deve ser demonstrado no mapa.

Será nessa prova que ele falhará na *agrégation*. O mapa era de Oran, Argélia, na escala supracitada. Porquanto ele detém importantes conhecimentos geológicos, demora a maior parte

do tempo nessa estrutura. Membros do júri fazem sinal para ele abreviar a explicação – em virtude do tempo dispendido – e Lacoste mal menciona a extensão das vinhas e pouco comenta o mapa da cidade. Resultado: ele perde a vantagem que tinha na prova escrita e despenca de primeiro para o sexto lugar. Guglielmo foi o primeiro colocado.

Graças ao avanço na prova escrita, o júri nomeou Lacoste professor adjunto [*adjoint*] no *lycée Marcelin-Berthelot*, em *Saint-Maur*, no subúrbio sudeste de Paris. Duas vezes por semana ele ministra aula no *Marcelin-Berthelot*, na qualidade de professor de história-geografia, nas classes de *cinquième*<sup>27</sup> e de *seconde*<sup>28</sup>.

Com emprego garantido e casado, cabe agora retomar a preparação para a *agrégation*. Pierre George fornece temas para a dissertação que escreveriam e ele devolveria com suas apreciações. Lacoste lembra de um tema: “diferentes tipos de localização da indústria química”. Não será a indústria química objeto de reflexões de Lacoste, mas sim a indústria do cimento e da construção. Ele raciocina *à la George*: num primeiro nível de análise, distingue a localização em sistema capitalista e no sistema socialista; no segundo nível de análise, a localização nas grandes regiões carboníferas e industriais, perto das coqueiras e das refinarias portuárias; finalmente, no terceiro nível de análise, localiza a periferia dos espaços habitados e das aglomerações. Para sua surpresa, George devolve a cópia por último acrescentando que estava decepcionado. Na avaliação de Lacoste, o mestre não entendeu o que ele queria fazer. Estamos diante da origem, provável, do que Lacoste chamou de *articulação dos diferentes níveis de análise* – que ele empregaria, por exemplo, na sua *tese*. Ele não polemizou com George – seu professor desde os treze anos – mas estava convencido que essa *démarche* teria uma influência no seu futuro raciocínio geográfico. Finalmente, para a *agrégation* de geografia as duas questões de história daquele ano eram: o *Commonwealth* britânico e Carlos V.

O ano é 1952. Lacoste aprende com o fracasso precedente e consegue a *agrégation*. Ele é o primeiro colocado. Almeja – com o consentimento da esposa – ir ensinar em *Fort Lamy*, atual *N’Djamena*, capital do Chade. Dresch informa que não há posto de *agrégé* (LACOSTE, 2010). O casal decide viver no Marrocos para serem professores e iniciarem as teses em geomorfologia e etnologia. Mas Dresch os dissuade porque tornou-se perigoso o trabalho de

---

<sup>27</sup> *Classe de cinquième* refere-se ao segundo ano dos últimos quatro anos do *Collège* – equivalente ao nosso “ensino fundamental”. O *Collège* subdivide-se em 4 anos com as respectivas idades: *sixième* (11), *cinquième* (12), *quatrième* (13) e *troisième* (14).

<sup>28</sup> *Classe de seconde* refere-se ao primeiro ano do *Lycée*. O *lycée* é o equivalente ao Ensino Médio no Brasil. Compõe-se de três anos com as respectivas idades: *Seconde* (15), *Première* (16) e *Terminale* (17).

campo desde a deposição – em 1953 – do sultão Maomé ibne Iúçufe (1909-1961), conhecido como Maomé V, por causa de seu apoio ao movimento nacional.

O artífice da deposição, além do governo francês, foi Thami El Glaoui (1879-1956), chefe da confederação de tribos berberes *Glaoua*. Thami havia sido escolhido por Lyautey, em 1912, para ser *pasha* (governador) da província de *Marrakech*. Próximo às autoridades do Protetorado Francês, passou a se opor ao sultão Maomé V e a coligar-se com os grandes *caïdes*<sup>29</sup> e chefes de confrarias contrários ao partido nacionalista *Istqlal* (fundado em 1937).

Com a deposição de Maomé V, assumiu Maomé ibne Arafa (1886-1976), que era tio do Sultão. Maomé V foi exilado na Córsega e depois em Madagascar. Era mais uma vez a França “ensinando liberdade”. Só que o tiro saiu pela culatra. Seguiram-se motins, desordens e os países árabes protestado à ONU, assim como os próceres muçulmanos da zona espanhola, que reconheciam somente Maomé V enquanto sultão legal (CARVALHO, 1962). Impopular, ilegítimo e em meio à uma radicalização nacionalista-independentista, Maomé ibne Arafa abdicou em 1955 – o sultanato durou de 20 de agosto de 1953 a 16 de novembro de 1955. Então, Maomé V retorna em novembro de 1955. Em 1956, como resultado das rebeliões nacionalistas-independentistas, negocia a dupla independência, tanto da França, quanto da Espanha. Em 2 de março e 7 de abril de 1956 chegavam ao fim os protetorados francês e espanhol. O Marrocos era, finalmente, independente.

Surpreendentemente, Dresch aconselhou o casal a ir para um lugar não menos agitado: a Argélia. Segundo o mestre, na Argélia “tudo estava calmo”<sup>30</sup>. Lacoste ironiza: ele parecia ter esquecido a tragédia de 8 de maio de 1945<sup>31</sup>. Era o dia em que se celebrava a derrota do Terceiro *Reich* para os Aliados. Wolf (1973 [1969]) calculou entre 8.000 e 10.000 muçulmanos que se reuniram para comemorar a vitória aliada. Mas, a França resolveu dar outra prova de sua infundável capacidade de “ensinar a liberdade”. Uma terrível repressão se abateu sobre *Sétif*. Nacionalistas argelinos aproveitaram a ocasião para pedir a igualdade entre muçulmanos e cristãos; a libertação do líder político nacionalista Messali Hadj (1898-1974); e o fim da colonização, da mesma forma que os franceses não aceitaram ser colonizados pelos nazistas. Porém, as forças armadas francesas trataram de mostrar que liberdade, igualdade e fraternidade se reservavam somente para os seus congêneres. Sequer tolerou a bandeira da Argélia nas manifestações. A polícia reprimiu fortemente os rebeldes. A conjugação de escassez de

<sup>29</sup> Espécie de governador de cidade que acumula múltiplas funções, até mesmo a de chefe tribal – muito comum nas tribos berberes.

<sup>30</sup> [...] où tout était calme (LACOSTE, 2018, p.68)

<sup>31</sup> Il semblait avoir oublié le drame du 8 mai 1945 (LACOSTE, 2018, p.68)

alimentos e fome crônica foi mais um combustível no ódio. Em *Sétif*, os rebeldes mataram mais de cem europeus<sup>32</sup>. As rebeliões se espalharam também para *Guelma* e *Kherrata*: a repressão recresceu. Fanon (1958 [2020], p.133) calcula em 45 mil o número de mortos em Sétif; Wolf (1973 [1969]) acha mais provável 15 mil.

A ida para Argel é um novo capítulo na formação: tal qual o Marrocos, trata-se de um país franco-colonial; é também uma nova experiência docente – mas agora num espaço geográfico colonial. Ele vai para substituir o geógrafo André Prenant, nomeado assistente no Instituto de Paris, em 1952, graças à Jean Dresch. Prenant obteve o DES em 1947 com uma pesquisa sobre geomorfologia do Saara oranês. Desde 1949, ele é professor de *lycée* em *Alger*. No mesmo ano, realiza uma viagem de campo junto com Dresch em Constantina que o faz decidir ter por tema de tese as cidades do interior argelino: *Sétif*, *Sidi bel Abbes* e *Tlemecen*. Sua esposa, a filósofa Marie-Anne, converte-se à geografia. Ela estuda a cidade de *Nedroma* para o seu DES. Ambos frequentam os círculos do Partido Comunista Argelino (PCA), do diário *Alger Républicain*, do *Mouvement pour le triomphe des libertés démocratique*<sup>33</sup> e da *Union démocratique du manifeste algérien*<sup>34</sup> (BATAILLON, 2006). São e serão essas experiências coloniais e a descoberta do importante historiador Ibn Khaldoun que farão o geógrafo desviar a vocação da geomorfologia para os problemas dos países do Terceiro Mundo (LACOSTE, 1989).

### **Yves Lacoste em Argel: afinidades eletivas e a descoberta da obra de Ibn Khaldun**

Quando Lacoste expressou sua vontade ir para Argel, o Inspetor-Geral<sup>35</sup> – membro do júri encarregado de recolher os desejos dos laureados – se espantou com a escolha. Ele poderia ter reivindicado um posto da *Île-de-France* vez que tinha sido o primeiro colocado no concurso da *agrégation*. Vai ser nomeado sem dificuldade para o *lycée Bugeaud*<sup>36</sup>, em Argel. Em companhia da esposa, na capital argelina perceberão a diferença entre os franceses da Argélia e os do Marrocos – nesse último, Lacoste era tratado como filho. Na Argélia, os dois serão

---

<sup>32</sup> Hernandez (2008 [2005], p.477) calcula em aproximadamente 20 franceses o número de mortos até a polícia restabelecer a ordem.

<sup>33</sup> MTLD. Partido nacionalista fundado em 1946 cujo presidente fora Messali Hadj.

<sup>34</sup> UDMA. Partido político criado por Ferhat Abbas (1899-1985) em 1946.

<sup>35</sup> Lacoste não diz o nome, infelizmente.

<sup>36</sup> Homenagem à Thomas Robert Bugeaud (1784-1849), Marechal da França e Governador-Geral da Argélia (1841-1857).

considerados como *frankaouis*<sup>37</sup> – “professores vindos da França imbuídos de seus conhecimentos e persuadidos de como lidar com os árabes” (LACOSTE, 2018, p.70).

Já em Argel sentem a hostilidade latente com os *frankaouis*. Não era pra menos. Os massacres de *Sétif*, *Guelma* e *Kherrata*, sete anos antes, estão vivos. Em 1946, Ferhat Abbas cria a UDMA para concorrer às eleições e eleger representantes no parlamento francês. A Constituição da França outorgava o direito às colônias serem representadas no Parlamento através de um colégio eleitoral duplo formado por franceses e muçulmanos (YAZBEK, 2010). Para unir as forças nacionalistas e independentistas, Abbas e Messali Hadj criam o MTLD, sucessor do *Parti du peuple algérien*<sup>38</sup>, com vistas às futuras eleições.

Em 1947, o Estatuto da Argélia foi promulgado. Este estabelecia uma administração local autônoma com representação no Parlamento francês – local das decisões. Isso fazia com que a Argélia fosse administrada por um Governador Geral e uma Assembleia cuja eleição mediava-se por um colégio composto por um número equivalente de muçulmanos e franceses, tanto na Assembleia quanto no Senado em França (YAZBEK, 2010). Nessa assembleia argelina metade são eleitos por dois colégios. O primeiro colégio é eleito por 88% de Europeus e somente 12% de muçulmanos; o segundo colégio era formado apenas de muçulmanos. Além de intrincado, esse mecanismo de representação é injusto: havia, na ocasião, 920 mil europeus para 7 milhões e 800 mil muçulmanos. Ademais, não bastasse essa sub-representação, a Assembleia argelina só tomava decisões importante com maioria de 2/3 (LACOSTE, 2006).

No *lycée Bugeaud* atribuíram à Lacoste a *classe de première* cujo título do programa de geografia era: “A França e a África do Norte francesa”. Ele percebeu que os alunos seriam bastante críticos, até hostis. As instruções ministeriais outorgavam liberdade de dedicar tempo à região onde se encontrava o *lycée*, ao Marechal Bugeaud e à conquista da Argélia. Decide, pois, começar o ano com uma comparação geográfica e histórica entre a Argélia e o Marrocos. Fornece um exemplo da distinção da conquista colonial francesa nesses dois países. No Marrocos encontra-se ainda em cada grande cidade uma *médina* e uma grande mesquita do Império Almôada do século XII – da mesma forma na Andaluzia<sup>39</sup> – enquanto que na Argélia elas praticamente desapareceram – salvo em *Tlemcen*, perto da fronteira marroquina. Outro exemplo: no Marrocos o foco era principalmente nos recursos minerais e os colonos não conseguiram tomar as terras das tribos, o que tinha reforçado os poderes do sultão, reduzindo –

<sup>37</sup> Em entrevista com Pascal Lorot, o geógrafo diz que *frankaoui* era “un Français de France” (LACOSTE, 2010, p.55).

<sup>38</sup> PPA. Fundado em 1937 por Messali Hadj.

<sup>39</sup> “península Ibérica muçulmana” (BISSIO, 2012, p.38).

ao mesmo tempo – as regiões de dissidência. Na Argélia, os franceses privaram quase sistematicamente as tribos de seus territórios, sob o pretexto que tinham muito e lutavam contra os franceses. Era uma forma de “solução demográfica” em relação aos camponeses franceses sem-terra e que, por consequência, foram instalados na Argélia. Houve, portanto, uma diferença interna de colonização que se expressava, por exemplo, nas táticas de Bugeaud e de Lyautey.

Não demora muito e o casal foi contatado por um professor membro do PCA. O professor era o cabila Larbi Braïk. Braïk e sua esposa Françoise serão importantes para Camille e Lacoste por causa de um efeito fundamental na jornada intelectual de ambos: a apresentação da *Kabylia*. Com uma paisagem esplêndida, comovente e portadora de uma enorme densidade populacional, Camille decidiu consagrar sua tese aos cabilas, singulares – em sua visão – pela cultura berbere e tradições democráticas. Lacoste, por outro lado, não sabia que tema escolher. Chegou a considerar por um momento os *Hautes Plaines* – região localizada nas montanhas *Atlas* – onde se descobriu depósitos de água fóssil. Optou por um tema próximo ao da esposa: o maciço antigo de *Grande Kabylie*, e sobretudo a cordilheira de *Djurjura*. Ele tem interesse nas formas cársticas e nos seus possíveis círculos glaciais.

Em Argel, além das aulas no *lycée Bugeaud*, ele participa das reuniões dos intelectuais progressistas que tinham lugar na *Librairie Nouvelle*, no piso térreo de um imóvel que também abrigava a sede do PCA. Essas reuniões – nas quais participavam argelinos, cabilas, judeus e *frankaouis* – são decisivas. Em uma delas, conhece Sadek Hadjeres. Hadjeres foi membro do *Parti du peuple algérien* entre 1944 e 1949 e presidente da AEMAN (Associação de Estudantes Muçulmanos da África do Norte) de 1947 a 1951. Em 1949, estoura a crise berberista<sup>40</sup> e o cabila Hadjeres deixa o PPA para adentrar as fileiras do PCA em 1951. Ali, foi eleito para o Comitê Central em 1952 e para o birô político em 1955. Nesse intervalo, entre 1953 e 1954, foi diretor da revista *Progrès* (HADJERES, 2010).

Numa das reuniões, Hadjeres indagara Lacoste se também havia história na *agrégation* de geografia. Com a afirmativa, perguntou se o geógrafo poderia escrever um artigo para a revista cultural argelina que ele dirigia. O artigo era sobre um historiador magrebino da Idade Média chamado Ibn Khaldun (1332-1406). O problema era que Lacoste desconhecia Khaldun e não sabia árabe. Hadjeres garante a ele que existia na *Bibliothèque nationale, rue d’Isly*, uma tradução de toda obra khalduniana, cujos *Prolégomènes* eram a parte mais interessante. Para

---

<sup>40</sup> Crise interna ao MTLD causada pelo descompasso entre os militantes e a liderança do referido partido. A razão passava pela construção da identidade nacional em resposta à pergunta: o que é a Argélia? Árabe-muçulmana, berbere ou ambos? Líderes como Messali Hadj defendiam uma Argélia árabe-muçulmana. A princípio, os berberes foram marginalizados, mas posteriormente foram admitidos no partido (OUERDANE, 1987).

agradá-lo, e não recusar por princípio, Lacoste vai consultar a tradução da *Al-Muqaddimah* – três tomos, mais de 1.500 páginas.

Jamais se arrepende de consultar essa autobiografia que se lê como um romance, recheada de conseqüências forjadas nas capitais de Marrocos, do Magrebe Central, bem como da Andaluzia. Ele envolve-se na história desse *condottiere* (mercenário) que recruta cavaleiros das mais distintas tribos para serem contratados por qualquer soberano ou pretendente. Sem embargo, o que marcará principalmente Lacoste é o modelo de explicação de Ibn Khaldun acerca do suceder dialético das tribos e estados do Magrebe.

Além do artigo, Hadjeres pediu uma palestra em Argel sobre Ibn Khaldun para os intelectuais progressistas. Lacoste relata que provavelmente esperava-se que referisse aos princípios do marxismo (sucessão dos modos de produção, comunidade primitiva, feudalismo, burguesia). Mas ele, de modo intencional, não situou Khaldun numa “pré-burguesia progressista” e preferiu compará-lo a uma espécie de *condottiere*, passando de soberano a outro. Essa redução servia para que ele se afastasse dos sacrossantos princípios do marxismo (LACOSTE, 2018). O que é curioso pois Lacoste estabelece um claro cruzamento entre o pensamento marxista e Ibn Khaldun, inclusive falando em feudalismo, burguesia e materialismo histórico.

### **Lacoste: leitor, admirador e crítico de Khaldun**

Os *Prolegômenos – Al-Muqaddimah* – se desenvolvem na segunda parte do século XIV, ou seja, no que se denomina período de declínio da civilização muçulmana de expressão árabe. Assim, a referida obra captura tanto o declínio quanto as características dessa civilização durante seu período de crescimento e apogeu. De acordo com Trabluse (2011), *Al-Muqaddimah* representa a primeira tentativa conhecida de criar uma ciência das sociedades independentes da teologia e da filosofia. Isso não quer dizer que a dimensão sobrenatural não intervenha: a intervenção da Providência opera-se na vida individual, mas não na organização social. Ela não tem o poder de alterar o curso da história, pois esta se desenrola à margem dos desígnios de Deus. Este não atua no curso geral dos acontecimentos. Com a história secularizada, uma interpretação adequada dos acontecimentos pretéritos pode tornar possível prever eventos futuros com base nos dados da razão humana.

Khaldun considerava que os caracteres intrínsecos da ciência histórica eram (1) o exame e verificação dos fatos; (2) a investigação atenta das causas que os produziram; e (3) o conhecimento profundo da natureza dos acontecimentos e as causas originárias. Por isso ele considera a história uma ciência e um ramo importante da filosofia. Essa ciência fornece o conhecimento das condições e costumes dos povos antigos, dos atos dos profetas e da administração dos reis. A história é propriamente a narração de fatos relativos a uma época ou a um povo. Ela se distingue pela importância de seus resultados, grande utilidade, sua finalidade nobre e importância de resultados (JALDÚN, 2011 [1977]). A finalidade da história é:

[...] é fazer conhecer o estado social do homem, em sua dimensão humana, isto é, a urbanização e a civilização do mundo, e fazer compreender os fenômenos que naturalmente acompanham sua natureza, tais como a vida selvagem, a humanização, a coligação agnática (“al-asabiya”), as várias formas de supremacia que os povos alcançam uns sobre os outros, e que originam os impérios e as dinastias, distinções de categoria, as atividades que os homens assumem e às quais eles dedicam seus esforços, tais como os ofícios de subsistência, as profissões lucrativas, as ciências, as artes; enfim, todo o desenvolvimento e todas as mudanças que a natureza das coisas pode trazer no caráter da sociedade<sup>41</sup> (JALDÚN, 2011 [1977], p.141).

Quanto ao historiador, Khaldun considerava indispensável que ele conhecesse os princípios fundamentais da política, da arte de governar, da verdadeira natureza das entidades, da natureza dos eventos, da diversidade oferecida pelas nações, países, da natureza geográfica e dos tempos em termos de costumes, usos, modalidades, condutas, opiniões, sentimentos religiosos e todas as circunstâncias que influenciam a sociedade humana e sua evolução. Em resumo, ele deve conhecer minuciosamente os motivos de cada evento e a fonte de todos os dados. De modo a abranger todas as nações concernentes à sua atividade, o historiador deve fornecer as notícias gerais de cada país, povo e século, caso deseje apoiar em bases sólidas os assuntos de que se ocupa e tornar inteligíveis as notícias que propicia (JALDÚN, 2011 [1977]).

O objetivo de Yves Lacoste é mostrar a importância da obra de Khaldun, uma das mais relevantes já produzidas. Além disso, o geógrafo defende que o historiador magrebino é um dos fundadores da história e da sociologia enquanto ciências, ao mesmo tempo em que é um precursor do método científico na história.

---

<sup>41</sup> Sabed que la historia tiene por verdadera finalidad hacernos conocer el estado social del hombre, en su dimensión humana, o sea la urbanización y civilización del mundo, y de darnos a entender los fenómenos concomitantes naturalmente a su índole tales como la vida salvaje, la humanización, la coligación agnática («al-asabiya»), las diversas formas de supremacía que los pueblos logran unos sobre otros y que originan los imperios y las dinastías, las distinciones de rangos, las actividades que adoptan los hombres y a las que dedican sus esfuerzos, tales como los oficios para subsistir, las profesiones lucrativas, las ciencias, las artes; en fin, todo el devenir y todas las mutaciones que la naturaleza de las cosas pueda operar en el carácter de la sociedad.

Lacoste procura ressaltar a importância da origem norte-africana de Khaldun, especialmente para os argelinos: um dos últimos grandes pensadores árabes da Idade Média, a obra khalduniana é base essencial para qualquer estudo histórico do Norte da África. Khaldun é apontado como o gênio mais poderoso e original que exemplificou a civilização árabe, além de ser o fundador da ciência histórica em sua concepção moderna e de muitas outras ciências humanas, como a sociologia e a própria geografia humana.

Os *Prolegômenos* de Khaldun são apresentados como uma verdadeira enciclopédia que organiza, de forma lógica, uma ampla gama de temas: cosmografia, uma descrição geográfica detalhada da terra conhecida na época, uma política, um tratado de economia, uma classificação racional das ciências, uma pedagogia seguida de uma retórica e poética. Além disso, a obra compreende elementos de alquimia, magia, física, álgebra, agricultura, medicina, arquitetura, urbanismo, estética, direito, teologia e arte militar.

Lacoste investe contra a obra do geógrafo Émile-Félix Gautier (1864-1940). Gautier (1927) atribuía o declínio do Magrebe à islamização e à conquista árabe. Contudo, Lacoste observa que essa conquista árabe da África do Norte foi importante para a tentativa de destruição do “feudalismo” dessa região. Essa tentativa decorreria da agência da burguesia mercantil das cidades da Arábia. Tal atuação levou ao estabelecimento de uma área unificada de trocas de mercadorias, pessoas e ideias. Mas a burguesia comercial e urbana não teve força suficiente para esmagar o ressurgimento do “feudalismo”. Por consequência, as cidades e portos mercantes abandonaram o comércio pela pirataria e a guerra tornou-se o meio de enriquecimento que substituiu o comércio internacional. O “feudalismo” renasce e necessita de mercenários – que serão encontrados nos povos nômades (como os beduínos). Essa seria a origem das assim chamadas “invasões” nômades que serão vistas – Gautier incluso – como a raiz do declínio da África do Norte.

Cabe destacar que essa visão de Gautier é presente no próprio historiador magrebino, pois ele escreve:

Mas hoje, isto é, no final do século VIII, a situação no Magrebe sofreu uma profunda revolução, a nosso ver, e foi completamente perturbada: os povos berberes, que vivem neste país desde a antiguidade, foram substituídos pelas tribos árabes que, no século V, tinham invadido essas regiões e que, por sua grandeza e sua força, subjugaram a população, se apoderou de grande parte do território e compartilhou com eles o gozo das regiões que ainda detinham. A isto se deve acrescentar o terrível flagelo que, em meados do século VIII, uma praga lançou sobre os povos do Oriente e do Ocidente; açoitando cruelmente as nações, ceifou grande parte das gerações do século, devastou e aniquilou os resultados mais esplêndidos da civilização. Tal desastre coincidiu

com a era dos impérios e se aproximava do fim de sua existência; estilhou suas forças, drenou seu vigor, enfraqueceu seu poder, tanto que foram ameaçados de ruína iminente e completa<sup>42</sup> (JALDÚN, 2011 [1977], p.135).

A devastação árabe teria sido responsável pela destruição da Síria, bem como o sofrimento da Ifriqiya<sup>43</sup> e do Magrebe<sup>44</sup>. Ele data do século V da Hégira<sup>45</sup> a invasão dos Bani Hilal<sup>46</sup> e Bani Solim<sup>47</sup> cujo resultado foi a ruína das terras. Khaldun explica que os Bani Hilal, árabes nômades, invadiram a Mauritânia em meados do século citado junto com os Bani Soleim. O califa fatímida Al Aziz os haviam confinado no alto Egito, entre o Nilo e o Mar Vermelho. Esse confinamento foi uma punição decorrente de uma devastação que essas tribos haviam perpetrado em Hidjaz – oeste da atual Arábia Saudita – por causa da insurreição dos Cármatas na Síria e Iraque entre os anos 903 e 906. Todavia, quando o vice-rei de Ifriqiya – Al Moizz Ibn Badis – derrubou o jugo fatímida, o governo egípcio permitiu que essas tribos atravessassem o Nilo e migrassem para as províncias do norte africano. O resultado, na avaliação de Khaldun, foi a devastação do Magrebe. Antes disso, ele explica que a região do Magrebe era fortemente habitada e exemplifica falando em vestígios de uma antiga civilização, restos de monumentos, edifícios, cidades e aldeias (JALDÚN, 2011 [1977]).

Para Lacoste, esses nômades – a exemplo dos Bani Hilal e do Bani Maqil<sup>48</sup> – eram convocados e comprados pelos “senhores feudais locais” a quem serviam. Assim, o geógrafo inverte a tese do declínio da África do Norte: a raiz não seria as invasões nômades, mas sim a feudalização que essa região percebeu pelo menos desde o século XIV.

---

<sup>42</sup> Pero hoy día, es decir, a finales de la octava centuria, la situación del Magreb ha sufrido una profunda revolución, tal como la contemplamos, y ha sido totalmente trastornada: los pueblos bereberes, moradores de este país desde lejanas edades, han sido reemplazados por las tribus árabes que, en el siglo V, habían invadido estas comarcas, y que, por su gran número y su fuerza, subyugaron a la población, arrebataron gran parte del territorio y compartieron con ella el disfrute de las comarcas que aún conservaba en su poder. Añádase a ello el terrible azote que, hacia la mitad del siglo VIII, una peste vino a desencadenar sobre los pueblos de Oriente y Occidente; flagelando cruelmente a las naciones, según gran parte de las generaciones del siglo, devastó y desvaneció los más esplendorosos resultados de la civilización. Tal desastre coincidió con la senectud de los imperios y ya próximos al término de su existir; destruyó sus fuerzas, extenuó su vigor, debilitó su potencia, a tal punto que se veían amenazados de una ruina inminente y total

<sup>43</sup> Atual Tunísia, nordeste da Argélia e Noroeste da Líbia.

<sup>44</sup> Nesse caso, Magrebe significa Argélia.

<sup>45</sup> Como explica Bissio (2012, p.105): “O próprio Muhammad deixa sua cidade natal, em 16 de julho de 622, data do começo da *hijrah* (hégira, usualmente traduzida por emigração ou separação), que [...] por determinação do califa Umar ibn Khattab (634-644) passou a marcar o início do calendário muçulmano”.

<sup>46</sup> Tribos árabes das regiões Hejaz e Najd – respectivamente oeste e centro – da Península Arábica que emigraram para o norte da África no século XI.

<sup>47</sup> Tribo árabe que dominou parte da região oeste da atual Arábia Saudita. Após converterem-se ao Islã, migraram para o atual território da Líbia junto com os Bani Hilal.

<sup>48</sup> Tribo pastoril nômade árabe que emigrou para a região do Magrebe, com as tribos Bani Hilal e Bani Solim, no século XI.

O processo de feudalização acentua-se quando – depois de terem pago em dinheiro ao mercenário nômade – os príncipes pagam-lhe a *iqta*, ou seja, uma parte dos bens da coroa (territórios, percepção de impostos) que o soberano concede. O geógrafo nota que essa *iqta* é comparável ao feudo europeu – daí ele falar em “feudalismo” e “feudalização”. Como seqüela, a economia magrebina se fecha em si mesma, compartimenta-se, desaparecendo a grande produção e o grande comércio. A incipiente burguesia urbana se enfraquece face aos nômades – personificação do “feudalismo”. Isso no plano da economia política. No plano da superestrutura, a ortodoxia religiosa renasce e reage ao livre pensamento árabe racionalista e científico. Desenvolvem-se as *madrassas*<sup>49</sup>, local onde os religiosos ortodoxos formam funcionários e proscurem investigações estranhas à tradição islâmica.

O pensamento de Khaldun deve ser considerado em toda sua complexidade e em suas contradições internas. Isso significa trazer para o mesmo plano os erros e superstições ao lado das verdades – ambos decorrentes do método dialético do historiador tunisiano, que ele acaba de descobrir e é bastante progressista para a época. Um desses erros foi ter erigido um sistema metafísico que opunha o nômade (pessoa do campo) e o cidadão (sedentário). São dois aspectos do estado social:

Estado social. Compreende dois aspectos: vida nômade e vida sedentária. A primeira é aquela que ocorre nas planícies, nas montanhas ou sob tendas temporárias, que passam pelos pontos de pastagem localizados nos desertos ou nas bordas das regiões arenosas. A segunda é aquela que ocorre nas cidades, vilas, aldeias e povoados; lugares que oferecem segurança e proteção ao homem com os seus muros e fortalezas. Em todas essas circunstâncias, o estado social sofre mudanças essenciais no que diz respeito à reunificação dos indivíduos em sociedade<sup>50</sup> (JALDÚN, 2011 [1977], p.149).

Khaldun é bastante crítico dos cidadãos pois estes ocupam-se em prazeres, entregam-se aos luxos; buscam as volúpias mundanas contingentes abandonando-se nos apetites e paixões; aprofundam-se em perversões; desviam-se do bem; das virtudes; do decoro; a linguagem é obscena; o comportamento é desavergonhado; são indecentes. O fato de estarem seguros

---

<sup>49</sup> Bissio (2012, p.317) define *madrassa* da seguinte maneira: “colégio de educação superior muçulmana, onde os *ulemás/ulama* estudam disciplinas como a *fiqh*. Conforme a mesma autora, *ulemás* são “homens doutos, guardiães das tradições legais e religiosas do Islã” (BISSIO, 2012, p.319). E *fiqh* é a “jurisprudência islâmica; estudo e aplicação do corpo das leis sagradas islâmicas” (BISSIO, 2012, p.316).

<sup>50</sup> El estado social. Comprende dos aspectos: la vida nómada y la vida sedentaria. La primera es aquella que se desenvuelve en las llanuras, sobre las montañas, o bajo las tiendas transitorias, que recorren los puntos de pasturaje ubicados en los desiertos o en los confines de las regiones arenosas. La segunda, es la que se desarrolla en las ciudades, poblaciones, aldeas y caseríos; localidades que ofrecen al hombre seguridad y protección con sus murallas y fortalezas. En todas estas circunstancias, el estado social experimenta modificaciones esenciales en cuanto se refiere a la reunión de individuos en sociedad.

intramuros por tropas encarregadas de sua defesa corroe o espírito guerreiro anteriormente presente. Khaldun chega mesmo a comparar o comportamento dos cidadãos com as mulheres e crianças vez que os “cuidados são tomados pelo chefe de família” (JALDÚN, 2011 [1977], p.271).

Já os nômades, as pessoas do campo, aspiram somente o necessário; são regulados por hábitos simples; podem ter defeitos, mas menores quando comparados com os cidadãos. Como estão isolados dos grandes centros urbanos, acostumados à uma vida semi-selvagem, eles rejeitam a ideia de se esconderem nos muros das cidades. Estão sempre vigilantes, preocupados, atentos às contingências. Seu caráter é ousado.

Os nômades exprimem a civilização rudimentar e virtuosa; por isso mesmo, correspondem à fase crescente e saudável de um império. Ao passo que os cidadãos estão corrompidos pela procura do bem-estar e pela influência da civilização urbana. O nômade é puro e selvagem; o cidadão é desfrutador e comercial. Essa oposição, como salienta Lacoste, é falsa, porquanto os nômades desempenham também um papel comercial – a exemplo daqueles que transportam caravanas. Ademais, existe uma seletividade nessa oposição metafísica entre nômades e sedentários. Ela não é válida para os árabes. Ele grafa:

A inveteração dos hábitos selvagens da vida nômade tornou os árabes um povo áspero e montanhoso. A grosseria de seus costumes tornou-se uma segunda natureza neles, um estado no qual eles se entregam, porque os liberta da sujeição e lhes dá uma vida independente. Tal disposição é contrária ao progresso social. É antagônico à própria civilização. Sua maior preocupação é vagar de um lugar para outro, perambulando pelo deserto, e arrebatando suas posses dos outros. Estado que se opõe a todo progresso. Assim como a vida sedentária é propícia ao desenvolvimento da civilização, a vida nômade é adversa a ela<sup>51</sup> (JALDÚN, 2011 [1977], p.312).

Khaldun demonstra um pensamento eivado de preconceitos pois, relembremos, para ele os árabes seriam os culpados pelo declínio do Magrebe. Estende a crítica inclusive ao alegar que os árabes erguem edifícios que estão longe de serem sólidos. Atribui esse defeito à própria civilização nômade e o distanciamento das artes. Os árabes também dariam pouca atenção à escolha dos locais adequados para fundar uma cidade (sítio, qualidade do ar, da água, terras aráveis, pastagens).

---

<sup>51</sup> La inveteración de los hábitos agrestes de la vida nómada ha hecho de los árabes un pueblo rudo y montaraz. La tosquedad de sus costumbres ha devenido en ellos una segunda naturaleza, un estado en el que se complacen, porque les libera de la sujeción y les depara un vivir independiente. Tal disposición se opone al progreso social. Es antinómica a la propia civilización. Su máxima preocupación es deambular de un sitio a otro, recorriendo el desierto, y arrebatar a los demás sus bienes. Estado contrario a todo progreso. En la misma medida que la vida sedentaria es favorable al desarrollo de la civilización, la vida nómada le es adversa.

É pelo caráter dialético do método e do pensamento de Khaldun que Lacoste o considerará precursor do materialismo histórico. O próprio modelo de explicação khalduniano para o declínio dos impérios é ancorado na dialética. O império desde o início traz consigo os germes da destruição que vão crescendo gradualmente pelas contradições que ele mesmo engendra. Em Khaldun, cada dimensão da sociedade (economia, arte, política) deve ser considerada em relação ao todo. Mas atenção: isso não torna Khaldun um “marxista”, seja porque ele não tem uma concepção clara de classe social, seja porque suas concepções de materialismo histórico são menos sólidas que aquelas de Engels e Marx no século XIX.

Uma das originalidades da obra khalduniana é ter associado história e sociologia. Na avaliação de Lacoste, ele constrói uma sociologia e uma história sólidas, baseadas nos mecanismos sociais. Essa articulação é marcante, e Khaldun processa uma descrição da sociedade tal como ela é e não como ela deveria ser. Diferentemente da *República* de Platão (428 a.C.-347 a.C.) e da *Política* de Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), os *Prolegômenos* não se propõem a fazer coincidir a sociedade ideal com a sociedade real. Daí a concepção científica khalduniana porque parte de dados materiais concretos e reais, levando à descoberta das leis do desenvolvimento da sociedade. Uma outra dimensão também separa Khaldun de determinados antecessores: sua sociologia não é puramente descritiva a exemplo dos relatos de viagens de Heródoto (485 a.C.-425 a.C.), al-Idrisi (1110-1166), Marco Polo (1254-1324) e Ibne Batuta (1304-1377).

No artigo, o geógrafo defende que Khaldun teve dois precursores na articulação entre sociologia e história: Tucídides (460 a.C.-400 a.C.) e o argelino Santo Agostinho (354-430). De Tucídides, em sua *História da Guerra do Peloponeso*, advém a importância de contar e explicar os acontecimentos; mas, como Tucídides basearia suas explicações no caráter dos homens, decorreria uma articulação muito embrionária. No mesmo sentido estão os comentários feitos no estudo preliminar por Elías Trabulse (2011). Este comentarista assinala que para Khaldun a história é em última análise uma ciência ou conhecimento do futuro. E é nesse aspecto que Trabulse aproxima Khaldun de Tucídides:

Sua teoria encontra aqui um contato com Tucídides para quem a história é também um conhecimento do futuro; mas enquanto para o genial ateniense o indivíduo é o sujeito do acontecer histórico e aquele que encontra nos ensinamentos do passado as regras de conduta para o futuro; para o historiador muçulmano o indivíduo é um átomo minúsculo que não desempenha nenhum papel, exceto o de espectador, do verdadeiro sujeito da história, a sociedade. Assim, enquanto para Tucídides o homem dotado pode agir modificando o futuro, para Ibn Khaldun o homem só pode contemplar, impotente, a marcha dos acontecimentos. Em ambos, a história tem um papel pedagógico, mas com

a enorme diferença que dá o poder de aplicar ou não à vida cotidiana a experiência dos eventos passados<sup>52</sup> (TRABULSE, 2011, p.20).

Para Yves Lacoste, Santo Agostinho avança – em *Cidade de Deus* – na articulação sociologia-história ao efetivar uma síntese da civilização antiga e uma visão geral da história de Roma; contudo, Agostinho não explica a história pelo estado e evolução da sociedade, mas sim trazendo um terceiro elemento: a Divina Providência. Logo, os eventos históricos não estariam ligados às causas sociais e econômicas, mas sim ao ponto de vista divino.

Por essas razões, a obra de Khaldun é partícipe do patrimônio científico da humanidade ao mesmo tempo em que coroa a civilização árabe. Sem embargo, essa “volta ao passado”, para um Magrebe distante glorioso, desempenha uma função no presente colonial daquela época (1953): as possibilidades de desenvolvimento da cultura argelina; da ressurreição da civilização muçulmana na imagem da jovem nação argelina em vias de formação, que mesclava harmoniosamente as fontes nacionais com as grandes correntes do pensamento contemporâneo – em especial o pensamento marxista.

### **Considerações finais**

O estudo deste percurso histórico de Yves Lacoste permitiu-nos evidenciar a importância: (1) do colonialismo na sua trajetória biográfica; (2) do papel decisivo desempenhado pelos mestres Jean Dresch e Pierre George; e (3) da obra de Ibn Khaldun para a perspectiva intelectual anticolonialista do geógrafo.

Certamente, esses fatos e fatores podem e devem ser pensados conjuntamente. A produção bibliográfica de Lacoste é resultado do violento processo de descolonização, especialmente da França, que se estende da independência dos países magrebinos até a derrota no Vietnã (TUATHAIL, 1996).

A descolonização do Magrebe, consequência da Segunda Guerra Mundial, vai ser o espaço decisivo da reflexão sobre desenvolvimento e, futuramente, sobre geopolítica. A

---

<sup>52</sup> Su teoría encuentra aquí un contacto con Tucídides para quien la historia es también un conocimiento del futuro; pero mientras para el genial ateniense el individuo es el sujeto del acontecer histórico y el que encuentra en las enseñanzas del pasado las reglas de conducta para el futuro; para el historiador musulmán el individuo es un átomo minúsculo que no juega ningún papel, más que el de espectador, del verdadero sujeto de la historia, la sociedad. Así en tanto que para Tucídides el hombre dotado puede actuar modificando el futuro, para Ibn Jaldún el hombre sólo puede contemplar, impotente, la marcha de los acontecimientos. En ambos la historia tiene un papel pedagógico pero con la enorme diferencia que da el poder aplicar o no a la vida cotidiana la experiencia de los sucesos pasados

descoberta da *Muqaddimah* permitirá ao geógrafo entender quais foram as condições econômico-políticas e socioculturais que possibilitaram a decadência, dominação colonial e situação de subdesenvolvimento do Magrebe, nos idos de 1960. Esses temas serão melhores explorados pelo autor em tela em suas obras *Les Pays sous-développés* (1959), *Géographie du sous-développement* (1965) e *Ibn Khaldoun – Naissance de l’Histoire/Passé du Tiers Monde* (1966).

Sem embargo, é possível dizer que a obra khalduniana fornecerá um importante modelo de explicação para compreender o suceder dialético das tribos e estados do Magrebe, mas também em outras partes do mundo – a exemplo de Cabul, capital do Afeganistão. Entre 1966-1967, Lacoste realizou trabalho de campo e estudou alguns problemas da capital e do país: o crescimento demográfico, o fato urbano, as favelas (LACOSTE, 1967). Ele aplicará o modelo khalduniano de explicação para compreender as diferentes situações em que se encontram os respectivos país e capital. Enquanto o país se encontrava numa situação *tradicional*, na qual os crescimentos demográfico e econômico estão ajustados, a capital detinha um forte crescimento demográfico – uma das características compatíveis com a situação de *subdesenvolvimento*; ademais, inspirado teoricamente em Khaldun, ele considerará relativamente paralelas as situações do Magrebe e do Afeganistão – a exemplo da formação social de base tribal (Berberes e Pashtuns, respectivamente).

Visto que nosso artigo se limitou a um momento do movimento lacosteano é fundamental que as pesquisas futuras (1) considerem e reconsiderem de que forma esse percurso revelou-se e relacionou-se em outros escritos do autor e em outros momentos por ele vivenciados; e posteriormente (2) perscrutem qual o lugar ocupado por Ibn Khaldun na totalidade da obra de Yves Lacoste.

## Referências

BATAILLON, Claude. Six géographes en quête d’engagement : du communisme à l’aménagement du territoire. Essai sur une génération. **Cybergeog**: European Journal of Geography [En ligne], Epistémologie, Histoire de la Géographie, Didactique, document 341, mis en ligne le 27 juin 2006, consulté le 23 mars 2020. URL: <http://journals.openedition.org/cybergeog/1739>

BIGARELLA, João José; MOUSINHO, Maria Regina; SILVA, Jorge Xavier. Pediplanos, Pedimentos e seus Depósitos Correlativos no Brasil. **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, V. 6, N.2, p. 165-196, 2016.

BISSIO, Beatriz. **O mundo falava árabe**: a civilização árabe-islâmica clássica através da obra de Ibn Khaldun e Ibn Battuta. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARVALHO, Carlos Miguel Delgado de. **África**. Geografia social, econômica e política. Rio de Janeiro: Edição da Divisão cultural, 1963.

DUARTE, Luís Vítor; SADKI, Driss. Geologia de Marrocos (II), **Revista de Ciência Elementar**, V9 (2): 039. 2021.

FANON, Frantz. El calvario de un pueblo [1958]. In: FANON, Frantz. **Escritos políticos**. Traducción de Leandro Sánchez Marín. Medellín: ennegativo ediciones, 2020, p.133-140.

GAUTIER, Émile-Félix. **L'Islamisation de l'Afrique du Nord. Les siècles obscurs du Maghreb**. Paris: Payot, 1927.

GEORGE, Pierre. **Dicionário Akal de Geografia**. 3ªed. Tradutores: Concha Bosch, Elisa García Soto, Carlos Bravo Balmori. Bajo la dirección de José Estébanez. Madrid: Ediciones Akal, 2007 [1970].

GINSBURGUER, Nicolas. **Jean Dresch**. Disponível em: <https://www.hypergeo.eu/spip.php?article697>. Acesso em 09 de ago. 2021.

JALDÚN, Ibn. **Introducción a la historia universal** (Al-Muqaddimah). Traducción de Juan Feres. Estudio Preliminar, revisión y apéndices de Elías Trabulse. México: FCE, 2011 [1977].

HADJERES, Sadek. **Repères biographiques et politiques** (1ère partie de 1928 à 1966). Posto online em 03 de setembro de 2010. Disponível em: [https://www.socialgerie.net/IMG/pdf/2010\\_09\\_03\\_266\\_2003\\_12\\_17\\_Biographie\\_en\\_chantier\\_SH\\_1928-1966.pdf](https://www.socialgerie.net/IMG/pdf/2010_09_03_266_2003_12_17_Biographie_en_chantier_SH_1928-1966.pdf). Acesso em 09 de ago. 2021.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula**: visita à história contemporânea. 4.ed. São Paulo: Selo Negro, 2008 [2005].

KISSINGER, Henry. **Ordem mundial** [recurso eletrônico]. Tradução de Cláudio Figueiredo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

LACOSTE, Yves. Les Prolégomènes d'Ibn Khaldoun. **Progrès – Revue Culturelle Algérienne**. Hommage à Staline. N°2 : 1° Année Avril-Mai 1953a, p.28-39.

LACOSTE, Yves. Les Prolégomènes d'Ibn Khaldoun (II). **Progrès**. N°3 Juin-juillet 1953b, p.16-22. Disponível em: [https://www.socialgerie.net/IMG/pdf/1953\\_04\\_01\\_Progres.\\_Prolegomenes\\_d\\_Ibn\\_Khaldoun\\_2006.12.10\\_411\\_.pdf](https://www.socialgerie.net/IMG/pdf/1953_04_01_Progres._Prolegomenes_d_Ibn_Khaldoun_2006.12.10_411_.pdf). Acesso em 16 de abril de 2021.

LACOSTE Yves. Kaboul et quelques problèmes de l'Afghanistan. In : **Bulletin de l'Association de géographes français**, N°355-356, 44e année, Juin-septembre 1967, p. 32-50.

LACOSTE, Yves. Braudel geógrafo. In: LACOSTE, Yves. **Ler Braudel**. Tradução de Beatriz Sidou. Campinas, SP: Papirus, 1989, p.175-225.

LACOSTE, Yves. **A geopolítica do Mediterrâneo**. Tradução por Pedro Elói Duarte. Revisão por Pedro Bernardo. Lisboa: Edições 70, 2006.

LACOSTE, Yves. **La géopolitique et le géographe** : entretiens avec Pascal Lorot. Paris : Choiseul, 2010.

LACOSTE, Yves. **Aventures d'un géographe**. Paris : Équateurs, 2018.

OUERDANE, Amar. La « crise berbériste » de 1949, un conflit à plusieurs faces. In : **Revue de l'Occident musulman et de la Méditerranée**. Berbères, une identité en construction. N°44, 1987, p.35-47.

PRIETO, Gustavo Francisco Teixeira; VERDI, Elisa Favaro. Jean Dresch, a atualidade de um geógrafo anti-colonialista. **Finisterra**, LII, 105, 2017, p. 135-138.

SOUSA NETO, M. F. Afinidades eletivas ou crítica a uma história da geografia sem classe(s). **Geosp**, v. 25, n. 1, p. 1-6, e-173953, 2021. ISSN 2179-0892

TUATHAIL, Gearóid Ó. **Critical Geopolitics: The Politics of Writing Global Space**. London: Routledge, 1996.

WOLF, Eric R. **Peasant Wars of the Twentieth Century**. Nova York: Harper Torchbooks, 1973.

YAZBEK, Mustafa. **A revolução argelina**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010 [2008].

ZANOTELLI, Cláudio Luiz. **Yves Lacoste**: entrevistas. Transcrição de Florence Baltz Zanotelli. São Paulo: Annablume, 2005.

Artigo recebido em 13-06-2022  
Artigo aceito para publicação em 16-09-2023